

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2369

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 28850; África Portuguesa, 6 meses 66800; Estrangeiro, 6 meses 102800  
PAGAMENTO ADIANTADO

SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 1925

## As proezas de Inocêncio, Mota Gomes e Norton de Matos de sociedade com Alves Reis

Revela-se uma burla de notas de 1.000 escudos, tipo «Luís de Camões», que Inocêncio retirou da circulação e demonstra-se que os processos empregados pelo Banco de Portugal neste negócio são tão reles como os que empregou para a emissão das de tipo «Vasco da Gama».

Citam-se várias ocasiões em que Norton de Matos se banqueteou com Alves Reis e as entrevistas que tiveram na embaixada de Portugal na Grã-Bretanha.

Demonstra-se que a investigação não descobriu porque não quis as estreitas relações que Alves Reis mantinha com Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal.

Conta-se como Alves Reis enriqueceu e como os seus períodos de prosperidade coincidiam com as datas das emissões fraudulentas de notas lançadas no mercado pelo Banco de Portugal.

Afirmámos nestas colunas mais duma vez que os homens do Banco de Portugal e políticos altamente cotados, andaram sempre de braço dado com Alves Reis.

Os miseráveis que a sólido da finança nos acusaram de defender Alves Reis, ainda até hoje não demonstraram que as nossas acusações não eram a expressão da verdade, nem tão pouco provaram que as notas que o Banco de Portugal tem emitido, por portarias surdas, contratos especiais, cartas e não sabemos se por bilhetes postais; como afirmou no Século o último ministro das Finanças, Filomeno da Câmara, não eram falsas.

Sabíamos há muito que todos os inocentes do Banco de Portugal tinham enriquecido tão depressa como enriqueceu Alves Reis.

Sabíamos que o Banco de Portugal possuia o direito de emitir notas representativas da moeda nacional e também não ignorávamos que os seus directores tomaram para si o poder exclusivo de emitir notas falsas, para socorrer as suas algibeiras, os seus amigos e empresas, sem que para isso fizessem atingidos pelo código penal, porque a força corruptiva dessas emissões, fazia suspender o artigo 206 do código penal, que condene os moedeiros falsos, que não sejam defendidos pelas acções do Banco de Portugal.

Em vez de se instaurarem processos contra os inocentes do Banco de Portugal e colocá-los no lugar a que têm direito, pelo que estipula o citado artigo 206 do código penal, os governos usaram o processo até hoje desconhecido em matéria criminal, de eleger criminosos no Diário do Governo, para que o Banco de Portugal possa tentar substituir à casa Waterloo uma indemnização, que os directores do Banco sabem muito bem que não podem receber.

Deseja-se, por todas as formas, tapar os olhos ao povo roubado e sacrificado pelos homens da finança, mas A Batalha não permitirá que os olhos do povo trabalhador suportem a venda de mentira.

Queremos seleccionar os homens de bem dos homens que nos roubam, sejam eles Alves Reis ou Inocentes.

E' nessa missão grandiosa e desprezando todos os ultrajes da finança vil e corrupta, que fazemos a análise serena, desapaixonada de factos verídicos e documentados, para os quais chamamos toda a atenção dos que trabalham em Portugal.

### O que o processo não contém

Acreditámos, nestas colunas, o ex-embaixador em Londres, general Norton de Matos, de ter tido interferência directa na emissão clandestina das notas Vasco da Gama.

Sabímos que Norton de Matos manteve as mais íntimas relações com Alves Reis. O imparcialíssimo juiz Alves Ferreira sócio de António Maria da Silva e do Banco de Portugal, não atendeu ao que lealmente expusemos ao país, e ainda ouviu servir-se de Norton de Matos, para apurar das responsabilidades dos homens do Angóla e Metrópole.

Nos admirámos, porque todos aqueles que imparcialmente apreciaram as investigações do Angóla e Metrópole viram, com clareza, que se pretendia, custasse o que custasse, salvar as pessoas de grande valia, autores da emissão clandestina Vasco da Gama, e transferir todas as responsabilidades dos autores, para os intermediários (o grande negócio), Alves Reis e seus amigos, sem categoria política ou financeira.

Serenamente aguardámos que esse abôrto a que os investigadores chamaram processo do Angóla e Metrópole e que o dr. Menano das guitarras e tricanas de Coimbra criou e baptizou contra todos os sãos princípios da Moralidade e da Justiça saisse da sua fase secreta. Ainda é cedo para se precisarem todas as irregularidades praticadas durante as investigações, com o propósito de ocultar as responsabilidades de Camacho, Mota Gomes, Norton e outros, mas já se sabe, para honra da justiça portuguesa, que depoimentos desapareceram do processo e que documentos foram roubados, porque os autos de apreensão mencionam número diferente para mais, de documentos apreendidos, dos que se encontram actualmente no processo.

Mas além de roubos, de substituições de depoimentos e de toda a trapalhada que o público dentro em breve saberá, durante oito meses, não houve tempo para o Inspector dos tribunais e juiz do Supremo Tribunal de Justiça, dr. Alves Ferreira, investigar as ligações de Alves Reis com todos os políticos portugueses e especialmente com o general Norton de Matos.

### Os amigos de Alves Reis

O relatório de Crispiniano da Fonseca, que de conta e ordem do Banco de Portugal, foi em passeio de investigações policiais ao estrangeiro, acompanhado do célebre Luis Viegas dos Câmbios, para utilizar as provas que podesssem existir contra o Banco de Portugal, Norton de

Matos e outros, demonstra insofismavelmente quais as intenções do director da Polícia de Investigação.

E' natural que os srs. investigadores gossem imenso do relatório Crispiniano da Fonseca, porque neste processo do Angóla e Metrópole se habituaram a dar interpretação contrária a todos os documentos e escritas.

Como se pode compreender que Nuno Simões fosse para a cadeia por ter recebido 1400 acções da Empresa Mineira do Sul de Angola e de ser citado por Alves Reis como amigo, num telegrama, e Norton de Matos que recebeu 3000 acções da mesma Empresa, e que Alves Reis também considerava amigo num telegrama que o Diário de Notícias publicou, ande livremente passando nas ruas de Londres e com categoria de homem honrado?

São princípios muito especiais em que assentaram os investigadores e que o sr. Crispiniano não justifica no seu relatório.

Nós lemos o relatório e não invertemos o seu sentido, porque felizmente não é esse o nosso hábito. Não duvidamos da assinatura do sr. Crispiniano nem precisamos que o habil dr. Azevedo Neves faça o seu exame grafológico, para provar que o relatório é do sr. Crispiniano, principal encorador das responsabilidades da burla do Angóla e Metrópole-Banco de Portugal, e desleal chefe de Pinto de Magalhães. Lemos, relemos e só nos custou acreditar que Crispiniano seja director da Polícia de Investigação de Lisboa.

Vejamos por hoje, a prova que o relatório faz contra Norton de Matos.

Entre os vários documentos, que a grande imprensa trouxe a público, após a pronunciada dos arguidos que a investigação esco-



Nota n.º 1, que não tem designação «ouro».

faz os mais rasgados elogios. Meses depois do padre João Soares, no Diário do Governo, como ministro das Colónias, após a situação sidonista, chega-lhe de alto a baixo, porque o supõe sidonista.

mais. Vivia luxuosamente em Lisboa, numa rica casa da Avenida António Serpa, 26, grandioso predio onde também habitava Tomás Fernandes, amigo de Alves Reis, da Companhia das Minas do Bembe e ex-agente

Porque é que a polícia fingiu não conhecer o que acabamos de escrever? Razão muito simples e que o público rapidamente compreenderá!

Alves Reis em Agosto de 1923 comprou à Sociedade Portuguesa de Automóveis um raro automóvel Hudson, a pronto pagamento, automóvel que ficou célebre entre os chauffeurs da nossa praça, por ter servido à fuga de Norton de Matos, quando se deu o movimento radical de Dezembro de 1923.

Se Crispiniano e Alves Ferreira quisessem, tinham apurado que Alves Reis, nas mais íntimas relações com Norton de Matos, sabendo que a vida do seu amigo corría risco, meteu-o no seu Hudson e acompanhou o Grande, mas sempre pequenino Norton, até à aprazível vila de Alpiarça, onde se instalaram numa humilde hospedaria, como negociantes de vinho, em companhia de Francisco Almeida Novais, irmão de um dos presos do Angóla e Metrópole, e do chauffeur de Alves dos Reis, de nome Celestino de Lemos, morador na Calçada do Combro, 35, 4º.

Em 25 de Novembro de 1924, estava Norton em Lisboa e já Alves Reis desprincipiado no Pórtico, acompanhado Norton em vários jantares e levou-o ao Pórtico, quando o ex-embaixador foi a Ponte de Lima, onde é bem conhecido, entre os seus conterrâneos.

Com Alves Reis dão-se coincidências interessantíssimas. Norton chegou a Lisboa em 24 de Novembro de 1924 e os contratos foram reconhecidos no notório Avelino de Faria em 25 de Novembro do mesmo ano.

Talvez Crispiniano, Alves Ferreira e Menano possam explicar verbalmente estas coincidências de datas visto que sobre elas nada averiguaram, pelo que se vê nos seus relatórios.

Em 27 de Julho, quando Alves Reis esteve em Londres com Marang, para firmar

com a casa Waterloo a segunda emissão de notas Vasco da Gama, ainda Norton se banqueteou com Alves Reis no Carlton Hotel, como em tempos afirmámos nas nossas colunas, e Alves Reis passou horas na embaixada em Londres em várias conferências, que oportunamente relataremos.

### Como se fazem os relatórios

Depois do que escrevemos e que, facilmente, qualquer dos nossos leitores pode averiguar da sua veracidade é interessantíssimo transcrevermos um *bocadinho de ouro* do relatório de Crispiniano:

«Pelo que lhe ouvi, o sr. Norton de Matos estava inteiramente convencido de que os contratos tinham sido falsificados; não era, porém, esta, positivamente, a opinião corrente, pois de outra forma não se compreende a inércia e hesitação da polícia inglesa.»

Por esta ocasião foi entregue à mesma polícia o seguinte questionário que pelo coronel Lucas foi traduzido em inglês:

«2. — Como se comprehende que aquela casa, que certamente teve conhecimento pelos jornais e, possivelmente pelo seu agente em Lx. (Walker) de que os individuos que com ela haviam contratado, Marang, Alves Reis e Bandeira, eram reputados uns escroques, não prevenir os Directores do Banco da existência de uns contratos com a sua casa relativos ao fabrico de 580.000 notas?»

Como podia o Director da Polícia de Investigação de Lisboa, que em Junho de 1925 tinha mandado fazer uma *hábil e rigorosa* investigação sobre a vida de Alves Reis, ignorar as suas relações íntimas com Norton de Matos?

Como podia o Director da Polícia de Investigação de Lisboa, que em Junho de 1925 tinha mandado fazer uma *hábil e rigorosa* investigação sobre a vida de Alves Reis, ignorar as suas relações íntimas com Norton de Matos?

Como podia a casa Waterloo supor que Alves dos Reis era um escroque, mesmo que o sr. Walker, seu agente em Lisboa, fosse muito melhor polícia do que Crispiniano e o informasse que de facto Alves Reis era um escroque, se Norton o embaixador em Londres, o recebia na embaixada e com ele jantava no Charlton Hotel?

Como queria Crispiniano que a casa Waterloo e a habil polícia inglesa o tomasse a sério?

Crispiniano foi para elas um simples pântano equilíbrio no difícil arame que ligava o Banco de Portugal e Alves Reis à Embaixada de Londres.

Crispiniano menciona no seu quesito um contrato relativo ao fabrico de 580.000 notas, quando esse contrato em poder de Walker autorizava apenas a impressão do máximo de 400.000 notas.

Que bonita figura fez Crispiniano em Londres às ordens do Banco de Portugal.

Supunha Crispiniano que a polícia inglesa desconhecia as ligações de Alves Reis com o nosso embaixador em Londres, Norton de Matos?

Supunha Crispiniano que Marang não era conhecido em Londres, amigo íntimo de French, com o qual tratava em Londres a colocação dum empréstimo para a Albânia?

Vejam os senhores pôncias os telegramas enviados de Londres para Lisboa a Marang nos principios de 1925, sobre o empréstimo que Marang desejava fazer à Albânia.

Como podia o Director da Polícia de Investigação de Lisboa, que em Junho de 1925 tinha mandado fazer uma *hábil e rigorosa* investigação sobre a vida de Alves Reis, ignorar as suas relações íntimas com Norton de Matos?

Como podia a polícia inglesa, quando ele, Waterlow, sabia muito bem das relações de Alves Reis e Marang com Norton?

Veja o povo trabalhador em que ridículo cairam os grandes investigadores na capital inglesa.

E ainda Crispiniano se mostra admirado e lamenta a pouca atenção e auxílio que lhe deu a polícia inglesa. Muita sorte teve o sr. Crispiniano em não ficar a ferros da polícia inglesa, com a companhia sublime do Grande Embaixador Norton de Matos, que a essas horas bem deve abençoar a ingenuidade do grande director da nossa polícia de investigação.

### Como se representa uma farça

Como o sr. Crispiniano é novo e pouco conhece o estrangeiro, lembramo-lhe aqui, que é perigoso e mesmo muito perigoso brincar com a polícia inglesa e outra vez que seja encarregado de não investigar outra qualquer emissão clandestina, não passe a Mancha, não vá a Londres, porque já deve estar no Livro Preto desde Dezembro de 1925...

Quando os senhores dos governos corruptos e financeiros das mesmas espécies e temperas queiram representar outra farça, como a do Angóla e Metrópole, que só é tragédia para aqueles que estão a ferros, muitos, empregados do Angóla e Metrópole, e debatendo-se já na miséria, recorrem-nos-lhes que não entreguem os principais papéis a principiantes, mas a actores de peso de Inocêncio Camacho, Mota Gomes e outros.

Assim talvez consigam ludibriar o públ-



Nota n.º 2, onde estampavam à pressa a designação «ouro».



Nota n.º 3, que tem a designação «ouro» em tipo diferente.

## Povo trabalhador: não esqueças que A BATALHA necessita urgentemente do teu auxílio

Continua o proletariado a afirmar o seu carinho e interesse pela existência de *A Batalha*, tão ameaçada pela grande crise económica que atraímos. Pouco a pouco vão surgindo quetes que avolumam a grande subscrição aberta em favor deste jornal.

Para-nos, entretanto, que não seria de má tática organizar-se comissões nas oficinas, nos campos e em várias localidades que tomassem a peito colher a maior soma de donativos possível.

Assim, mais proveitosa seria a colecta e mais vantagens se obteriam para alcançar o objectivo que o povo trabalhador, num esforço heroico, mais uma vez se propôz: salvar *A Batalha*.

Hoje, sábado, não deveríam os trabalhadores esquecer-se — ao receber a sua férias, de destinarem alguns escudos ou mesmo centavos ao seu orgão na imprensa que tão periclitante se encontra.

Não achamos possível que o proletariado não reconheça que a desaparição de *A Batalha* seria indirectamente um triunfo da burguesia capitalista e para o povo trabalhador uma perda irremediável.

Seria uma voz rebelde e esclarecedora que se cataria. E os crimes — que não são poucos — do capitalismo não mais seriam conhecidos do público, pela falta de uma imprensa forte capaz de revelá-los.

Tem sete anos de existência este jornal. Quantos crimes grandes e pequenos, quantos escândalos na burguesia, na finança e na política, desde a data da sua fundação até hoje vem revelando *A Batalha*, incessantemente!

Quantos não terá ainda para revelar!

E' preciso, pois, que *A Batalha* não morra porque a sua existência é já tão necessária ao espírito como o pão para o estomago do trabalhador explorado.

Operários, não deixes morrer *A Batalha*.

co., mas com homens da força de Crispiniano, Alves Ferreira e Meninos estragam tudo.

Desmonta o e o Banco de Portugal o que acabamos de afirmar.

Mas se ainda há um pouco de honra nessa terra, publique-se o relatório do ex-embaixador Norton de Matos, sobre os homens do Angolo e Metrópole, em que Norton afirmava que Marang tinha um crédito no Westminster Bank de Londres de libras 1.000.000. — Que interessante não seria para o povo trabalhador e mesmo para a finanças, fazer a comparação do relatório de Norton, quando o ex-embaixador era amigo íntimo de Alves Reis, com o relatório do *ingénue* político e juiz Crispiniano.

Teria o famigerado Vasco Borges, roubado o relatório do Ministério dos Estrangeiros?

Não os admiramos, porque conhecemos o celebre negócio que Vasco Borges roubou à casa Armstrong, quando ministro, após o 19 de Outubro, e os presentes que o ilustre homem de bem e ex-ministro dos estrangeiros recebeu.

Crie o Sr. Vasco Borges que não o esquecemos a seu tempo, terá o seu quinhão.

### A emissão das notas "Luis de Camões"

Dissemos que Alves Reis tinha participado noutros emissões clandestinas e que enriqueceu sempre que essas emissões se davam e mantemos essa afirmação.

Vejá bem o povo trabalhador as fotografias das notas de 1000 esc., efigie Luis de Camões, que publicaramos.

A nota número 1 da série ID n.º 05835 é da mesma chapa I da mesma série ID da nota N.º 2 ambas, datadas de 28 de Julho de 1920 e portanto da mesma emissão. A nota N.º 2 tem a palavra Ouro porque essa nota é representativa da moeda ouro. A nota N.º 1, não tem a designação da espécie metálica que a garante. Os directores do Banco de Portugal sabendo perfeitamente que essas notas representavam apenas um roubo ao Estado, em proveito das suas algebricas, não lhe imprimiram a espécie metálica que em face dos seus contratos com o Estado, só podia ser a ouro ou prata. E' portanto a nota N.º 1 uma nota com curso legal no País? Não, senhores do Banco de Portugal.

Esse papel, que os senhores imprimiram com o valor nominal de 1.000 escudos sem que nele indicassem a espécie do seu encaixe metálico, é uma burla tão grande ou maior que a do Angolo e Metrópole.

Mas o crime maior ainda não é o que acabamos de revelar.

Repare bem o povo trabalhador nas Notas N.ºs 2 e 3.

A palavra ouro da nota n.º 2 foi impressa com um tipo de letra muito diferente da mesma palavra ouro da nota N.º 3.

E' fácil explicar a diferença de tipos de letra em notas dum Banco, em que os directores cada dia assinam de sua maneira.

O Banco de Portugal, afito, quando Alves Reis revelou os segredos do Banco, recolheu a tóda a pressa as notas de mil escudos, Luis de Camões, e na sua Estamparia mandou imprimir a palavra ouro em todas as notas que a não tinham, para assim tapar a fraude cometida.

Mas, senhores do Banco de Portugal, a-pesar de haverem criminosos, deixam sempre bem gravadas as impressões dos seus crimes.

Peçam ao hábil dr. Azevedo Neves, amigo íntimo do Banco, comparsa nos almoxarifados do Tavares Rico e do Avenida Palace, que invente uma qualquer avaria da máquina impressora, com a mesma simplicidade com que o mesmo dr. inventou no seu relatório a explicação da triplicação de notas de 500 escudos "Vasco da Gama".

Há notas Vasco da Gama em triplicado e quem sabe quantas mais edições haverá. Não somos nós que o afirmamos é o hábil dr. Azevedo Neves que o diz no seu relatório.

Vejamos: «Século» de 8 de Agosto. Relatório do dr. Azevedo Neves. — Notas triplicadas.

\* \* \* As 69 notas que foram enviadas para exame repartem-se em 3 grupos de 23 notas. Cada grupo é uma repetição dos outros dois. Cada grupo de 23 notas comprende 15 da série I H, 4 da série I L, 4 da série I X.

\* \* \* A numeração repetida das notas dos segundos e terceiros grupos, pode ser explicada por falha da máquina de impressão dos numeros da nota precedente para as seguintes, e mantendo-se portanto os mesmos.

\* \* \* Para que a explicação da repetição dos numeros das notas indicadas na conclusão precedente seja aplicável às notas das series I L e I X (as que têm chancela diferente do director do Banco de Portugal) torna-se necessário que antes delas sejam sujeitas à numeração houvesse substituição de notas por estarem os desenhos mal impressos ou defeituosos que essas notas já tivessem impresso o nome do director. A falta de cuidado em escolher notas para substituição com o mesmo nome do director pode ter motivado o facto das chancelas serem diferentes nas duas notas do mesmo número.

Por hoje nada mais precisamos transcrever.

### Esclarecendo uma atitude

Recebemos do Sindicato do Mobiliário o pedido de publicação, a seguir nota:

O Anarquista no seu ultimo número aponta de infame a resolução tomada por este organismo sobre a U. A. P. Para não haver mal entendido vamos esclarecer o que se passou: Há longo tempo que por parte do comité Anarquista não era tomado em consideração o que em matéria de respecto mito lhe era observado pelo Comité da nossa sede, devido a insultos frequentemente camaradas filiados neste organismo e a sujarem o gabinete onde se encontravam instalados, sem que para isso tivessem uma razão plausível, visto que só ultimamente lhes foi pedida uma explicação sobre a renda do gabinete e gastos de luz que não pagavam.

Quando a sede teve um contínuo, um componente do Comité da U. A. P. afirmou que se lhes não fosse fornecida a chave do gabinete arrumaria a porta, como se se tratasse de autênticos saleteiros.

Depois do conflito suscitado na C. G. T. chegou-se à audiácia e à iniácia de vair alguns componentes dos corpos gerentes desse sindicato, só porque estes discordavam das suas abjectas atitudes.

Foram estas as razões determinantes do nosso procedimento, razões que os do Anarquista previdentemente ocultaram.

### Foi preso Miguel Correia

Miguel Correia, o presímoso militante da classe ferroviária do Sul e Sueste, foi preso anteontem no vapor do Barreiro, que sai do Teatro do Paço, pelas 21 horas.

Encontra-se incomunicável não se sabe onde, nem os motivos da sua prisão e se por acaso os soubessem provavelmente não nos permitiriam que se revelássemos.

Estamos convencidos de que a estranha detenção, que a todos os amigos e camaradas de Miguel Correia tanto surpreendeu, não se manterá.

### Para todos

Chama-se a atenção dos leitores deste jornal para o anúncio que vem na 3.ª página com o título de Talão Brinde e se aconselha que guardem o dito anúncio, pois que destes aparecem poucos.

### Uma colónia infantil

A Colónia Infantil que o Socorro Vermelho vai organizar funcionará conforme as seguintes bases:

1.º A Colónia instalar-se há na Escola Católica do Pórtico Brandão, durará de 10 a 30 de Setembro, e será constituída pelos filhos dos presos e deportados, ou crianças de suas famílias, que estejam a seu cargo.

2.º Até ao dia 25 do corrente devem as famílias das crianças dirigir-se à sede do Socorro Vermelho, rua dos Fanqueiros, 200, 2.º, D. das 18,30 às 19,30 ou das 22 às 24 horas, a fim-de ser feita a inscrição das crianças.

3.º A Colónia Infantil será dirigida por um representante da Comissão de Socorros às Crianças auxiliado por 3 mães que, para esse fim, sejam escolhidas e às quais será atribuída uma remuneração especial.

4.º As crianças serão submetidas a um exame médico, antes da abertura da Colónia, e a outro, quando do seu encerramento, a fim-de serem apurados os resultados do processo.

Nós em 10 de Agosto averiguámos e conseguimos saber que as declarações de Alves Reis eram verdadeiras.

A polícia parece tudo ignorar, porque as altas individualidades do Banco de Portugal, ainda se riem do povo escravizado.

O que quer isto dizer?

Senhores da tuga, não se brinca impunemente com a Justiça e no dia em que o Povo se convença que os senhores são os encobridores oficiais dos directores do Banco de Portugal, obrigarão Alves Reis a falar e fará justiça por suas mãos.

Representantes da humilde mas honrada classe dos trabalhadores portugueses, tendo como único capital, o Trabalho, perguntam aos senhores do Banco de Portugal e do Governo:

**Quais as garantias de autenticidade e segurança da moeda nacional?**

TEATRO NACIONAL HOJE

COMPANHIA Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de Lucien Nepoty, tradução de A. de Almeida e A. Dias da Costa

**Os Filhos**

Encantador entrecho—Espírito-sos diálogos — Situações explodidas

Protagonista: Ilda Stichini

BREVEMENTE:

SE EU QUISESSE...

A vaga reaccionária

Uma odiosa e anacrónica medida do governo polaco

VARSOVIA. — Para mais e melhor abafar os gritos dos oprimidos, o governo polaco acaba de proceder à criação de "gabinetes negros" em todas as estações de correio do país. A correspondência particular é, assim, cuidadosamente controlada pelos membros dos aludidos gabinetes negros. Os próprios jornais burgueses estão manifestando altamente indignados contra este novo abuso do poder.

Um militar revolucionário iniquamente condenado

MADRID. — Comparecerá há dias perante um conselho de guerra o conhecido militar David Rey. Era-lhe feita a acusação de ter escrito cartas insultantes às autoridades, cartaz que a polícia havia forjado, aliás imitando hem gosseira e desastradamente a letra do acusado. Pois aperados peritos terem provado que tais escritos não eram do punho de Rey, foi este condenado a nada menos de 9 anos de prisão.

De como a lei é igual para todos

MONTEVIDEU. — O industrial Quiñones, que recentemente, por ocasião de uma greve assassinou cobardemente o operário Nazelino, foi já posto em liberdade, tendo apenas estado preso um mês, aliás com todas as comodidades. Mas dois operários que, durante a mesma greve, maltrataram um odioso amarelo, vêm de ser condenados, um a 15 e outro a 17 anos de prisão.

Por hoje nada mais precisamos transcrever.

### TEATROS

No teatro Salão Foz apresentam-se hoje em penúltimo espectáculo a "Sächsische Troupe", desde a sua estreia, vêm obtendo os mais justificados aplausos com a exibição dos mais modernos números de baile, danças, acrobacias e de fantasia, ensaiados e dirigidos pela artista Maria Emilia Castelo Branco, e a interessante coleção de cães amestrados, apresentada por Mr. René I. e. em vários exercícios de acrobacia, números musicais, pequenas comédias, "sketches", etc. Na próxima segunda-feira estreia-se a cançaria fantasma francesa Maria Véadora e a bailarina excentrica Henriette Darmy, bem com uma complementar espetáculo.

MONTEVIDEO. — O industrial Quiñones, que recentemente, por ocasião de uma greve assassinou cobardemente o operário Nazelino, foi já posto em liberdade, tendo apenas estado preso um mês, aliás com todas as comodidades. Mas dois operários que, durante a mesma greve, maltrataram um odioso amarelo, vêm de ser condenados, um a 15 e outro a 17 anos de prisão.

De como a lei é igual para todos

MONTEVIDEO. — O industrial Quiñones, que recentemente, por ocasião de uma greve assassinou cobardemente o operário Nazelino, foi já posto em liberdade, tendo apenas estado preso um mês, aliás com todas as comodidades. Mas dois operários que, durante a mesma greve, maltrataram um odioso amarelo, vêm de ser condenados, um a 15 e outro a 17 anos de prisão.

Por hoje nada mais precisamos transcrever.

### O incidente da C. G. T.

#### Repondo as coisas nos seus lugares

A Comissão de Federações ontém reunida apreciou a nota publicada pela Federação do Calçado, Couros e Peles e assim de repór as coisas nos seus devidos lugares resolvem tornar públicos os seguintes reparos:

A reunião convocada por esta comissão apenas faltaram a Federação Ferroviária e o Sindicato dos Chaufeurs e assim de repór as coisas nos seus devidos lugares resolvem tornar públicos os seguintes reparos:

Portanto, «as algumas federações» constitui a totalidade quasi, como se poderia verificar pela *Batalha* de 5 do corrente.

Estremos que essa Federação considera agora improcedentes as resoluções tomadas na reunião das federações, e à mesma lhes envia a sua comissão administrativa portadora de avisos, e queprovaram algumas das resoluções tomadas.

As razões por que não se tomaram essas resoluções dentro do Conselho Confederal foram debatidas na reunião das federações e constam do extracto publicado na *Batalha* de 6 do corrente.

Não pretendemos antepor-nos ao Conselho Confederal. E foi dentro da autoridade sindical que nos confere o próprio sindicalismo que tomamos a iniciativa da reunião para a qual, como já dissemos, apenas não convidei os «chaufeurs».

E não deve pesar o facto, duvidoso, dos delegados da C. S. F. de Lisboa se desinteressarem da questão da questão da *Batalha* de 5 do corrente.

Não pretendemos antepor-nos ao Conselho Confederal. E foi dentro da autoridade sindical que nos confere o próprio sindicalismo que tomamos a iniciativa da reunião para a qual, como já dissemos, apenas não convidei os «chaufeurs».

E' o que se segue:

«As primeiras sessões da U. L. foram bastante concorridas e tudo levava a crer que a U. L. viera satisfazer a uma real necessidade de desmantelar e ao serem apresentados os documentos na reunião, foi afirmado claramente que não pretendíamos saltar sobre a autonomia dos restantes organismos. Que as resoluções que se tomasssem seriam transmitidas aos organismos da província para que sobre elas se pronunciassem e só então, reunidas todas as respostas, se tomaria uma decisão. Esta atitude julgamo-la mais clara que por forma alguma se pode prestar a más interpretações voluntárias ou não. Quanto à publicação dos extractos da reunião de federações foi ele resolvido por unanimidade, inclusivamente pela Federação do C. S. e Peles.

E' o que se segue:

</

**MARCO POSTAL**

Panoias — Pessoal do partido 14.— Recebemos 15\$000. Assinatura paga até 30 de Setembro, p. f.

Figueira da Foz — Correspondente. — Avisa os novos assinantes de que vão já recibos à cobrança na importância de 13\$000 cada, até 30 de Setembro, p. f.

Manteigas — Manuel Braz Saraiva. — Recebemos a importância da sua assinatura que ficou paga até 31 de corrente.

Tavira — Agente. — Recebemos liquidado.

Pampilhosa — Idem, idem.

Sines — Idem, idem.

Mina de S. Domingos — Idem, idem.

**AGENDA**

## CALENDARIO DE AGOSTO

S.	0	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,55
D.	1	8	15	22	Desaparece às 19,23
S.	2	9	16	23	FASES DA LUA
T.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	L. N. dia 8 as 13,49
Q.	5	12	19	26	Q. C. 16 * 16,39
					L. C. 23 * 12,38
					Q. M. 30 * 4,40

**CAMBIOS**

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94975	
Madrid cheque	3503	
Paris, cheque	556	
Suica	2378,5	
Erujelas cheque	554	
New-York	19555	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	365	
Brasil	3804	
Praga	558	
Suecia, cheque	5524	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4866	

**ESPECTÁCULOS**

Teatro — As 21,00 — Os Filhos. Olinhusio. — As 21,30. — Ires Monjas... Nossos. Ovelo. — As 21,45 — A Casa de Suzana. Erenha. — As 21,45 — O Dr. da Mula Raca. Maria Vitoria. — As 21,45 — O Gariela. Célio Yos. — As 21,45 — Variiedades. Varejões. — As 21,45 e 22,15. — O Pô de Arroz. Cinema L. Vicente (A Grapa) — Espectáculos as 21,45 sábados e domingos com matinées. Trenó Parque. — Todas as noites. Concertos: — díversos. CINEMAS. Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Tortoise — Cine Paris.

**CRISPIM ANTUNES MACEDO**

## (Tipógrafo)

Eduarda Vieitas de Macedo, mãe, irmãos e mais família, vêm por este meio agradecer a todos as pessoas, que acompanharam o seu chorado marido à sua última morada, não o podendo fazer pessoalmente, como era seu desejo, devido a ignorar as moradas.

**FATOS completos e sobretudos**  
em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde 129\$000  
Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida  
Abatimentos para revenda  
170, Rua da Boa Vista, 172

**ISQUEIROS**  
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:

**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria Kiosque

— As palavras de minha mãe, continuou Tunkerú como se não ouvisse a dolorosa exclamação de Nominoé, a estas palavras de minha mãe, eu tive uma vertigem... parecia-me que uma congestão me ia acabar a existência. Cai sentado num banco, sentindo a cabeça andar à roda... Afinal recuperrei os sentidos, e disse comigo:

— Minha filha está perdida... há de matá-la o desgosto...

— Subi a escada. Tina, sentada, frava sempre... tinha o olhar desvairado, as faces muito vermelhas, a fronte inundada em suor... Quando eu entrei, ela tinha os olhos voltados para a porta por onde apareci... A infeliz não fez um movimento... não me conheceu... Logo a julguei efectivamente louca... comecei a soluçar... depois chamei:

— Tina! Tina! minha querida filha...

— Nem uma palavra, nem um olhar... nada, nada! Então dei-a a entregar aos cuidados da avó, e corri a Vannes, em busca dum médico; eu receava que ele chegasse tarde... Contei-lhe o que se tinha passado, ele montou a cavalo e seguiu-me, eu ia a pé, mais depressa do que ele. Eu bati à porta, e a primeira coisa que preguntei a minha mãe foi se ela já tinha morrido.

— Não! me respondeu minha mãe. Eu quis despi-la para a deitar na cama. Ela pediu-me, chorando, que não lhe tirasse o seu trajo de noiva... Esta deitada sobre a cama...

— Nós subimos com o médico. Ela estava deitada na cama, com o seu fato de noiva, e até com a touca e a fita... Estava tão pálida que eu, ao vê-la, fiquei todo a tremer. Desta vez ela reconheceu-me, e estendeu-me os braços... A pobre criança quis levantar-se, mas faltaram-lhe as forças para o fazer. Eu cheguei-me para ela, e ela beijou-me... Tina os lábios gelados, e as faces também... Logo vi que que tinha perdido a minha filha... Parecia que se me despedacava o coração, e eu soltei um grito de dor! Minha mãe chamou-me à realidade, pois eu já nem me lembrava

**A GRANDE BAIXA DE CALÇADO**

SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA  
Sepatos para senhora:  
Sepatos em verniz...  
Sepatos em couro (grande salto)...  
Sepatos brancos (salto grande)...  
Sepatos de botas pretas...  
Sepatos de couro para homens:  
Nao confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:

Ver bem, pois só lá encontra bona d'arata. A Social Operaria e marcas das Calçarias, 12-24, com filial na mesma rua, n.º 45.

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a casa:</p

# A BATALHA

OPERARIOS: AUXILIO "A BATALHA"



## LUTA DE CLASSES

### A Federação Corticeira Nacional procura lutar para conjurar uma crise que atinge milhares de operários

A Federação Corticeira Nacional acaba de editar um manifesto que foi profusamente distribuído. Nesse documento são expostas com admirável clareza e notável poder de síntese, as causas da crise que, afectando a indústria corticeira, contribuem para tornar precária a existência dealguns milhares de operários. A-pesar da falta de espaço não nos permitir transcrever-lo na íntegra, vamos reproduzir uma parte — a mais longa e a mais importante — desse documento que deve interessar bastante os nossos leitores:

#### As culpas do industrialismo na crise

O industrial ganancioso é comessinho nos salários do pessoal e perdiário na sua vida particular. Não cura de melhorar as suas fábricas, tornando-as de verdadeiras chocas que algumas são em locais de trabalho higiênicos e agradáveis. Não busca estabelecer a concorrência nos mercados pelo melhor aproveitamento da técnica dos seus operários e a consequente apresentação de produtos melhor fabricados.

Os mercados internacionais perdem-se pouco a pouco, porque a usura industrial leva à falsificação vergonhosa das qualidades de cortiça em prancha, em quadros e em rolos.

Por outro lado, o industrialismo, a-pesar-de, como medida defensiva mais dos seus interesses particulares do que dos interesses da indústria, ter reunião para assentir no preço a pagar pelas novas colheitas de cortiça aos lavradores, rompeu com o estabelecido e, para se fazer entre si concorrência, paga essas cortiças por preços exagerados, procurando arrancar as diferenças aos cansados braços dos seus operários.

Agora, congemina os industriais — sabem-nos, está disso informada a Federação Corticeira — apresentar surpresas contra os trabalhadores no entrar das cortiças novas. Surpresas, que não de ser perversas, e ai os trabalhadores se não se preparam para enfrentá-las.

Em Móra, Sines e outras localidades, alguns industriais, apoiados na incompetência jurídica de alguns fiscais técnicos da indústria, torceram o sentido à portaria de 21 de Novembro de 1910 e mandaram trazar em aparas os bocados a que se refere a citada portaria, o que vem contribuir para um maior agravamento da crise.

Prova-se assim que os industriais corticeiros não se preocupam, nunca se preocuparam com o desenvolvimento da indústria.

Que os operários rebentem de miséria? Que se martirizem as famílias dos que têm enriquecido? Que a indústria se depauper e agonize? Não lhes importa. As fortunas aninhadas no soro dos seus escravos, fruto dum exploração ignobil que muitos deles exercem sobre mulheres que admitem em concorrência ao trabalho dos homens, quando amanhã a indústria lhes não garanta os lucros que eles ambiçionam, essas fortunas, diziamos, servirão para outros ramos de negócio. O industrial de cortiça sem probidade, passará a negociar, talvez, em batatas, vendendo-as por altíssimos preços aos operários que o chômage lançou para fora das suas fábricas.

Quando é que o industrial corticeiro tra-tou a sério a defesa da indústria que explora? Para isso não tem tido tempo.

Outro tanto não tem feito a Federação Corticeira, que, para obviar aos males atras referidos e garantir à indústria uma situação que comporte as necessidades dos milhares de famílias que da laboração da cortiça vivem, já apresentou, recentemente, aos poderes constituidos, uma representação em que, entre outras medidas, preconisava:

• A importação livre dos direitos alfandegários de todas as matérias e ferramentas destinadas à indústria corticeira, aquiridas no estrangeiro, que se reconheça a sua superioridade às das nacionais, até que a indústria nacional esteja habilitada a fazer tal fornecimento.

A isenção de contribuição industrial que pesa sobre as fábricas que manufacturam exclusivamente quadros, rólihas e seus derivados, durante o período de dez anos, assim como para todo o operariado corticeiro.

Estabelecimento de carreiras de navegação entre o nosso país e os países orientais consumidores de cortiça manufacturada e de todos os seus derivados.

Redução de 50% nas tarifas do Caminho de Ferro do Estado, para transporte de cortiça em bruto das estações para as fábricas, bem como todos os produtos corticeiros manufacturados, assim como a realização de convénios entre as outras empresas ferroviárias que obedecem ao mesmo sentido.

A proibição de quaisquer engarrafamentos com rólihas que não sejam de cortiça.

Estabelecimento de tratados de comércio com os países consumidores de quadros, rólihas e derivados de cortiça, de modo a tornarem a sua entrada livre de quaisquer encargos alfandegários.

#### As responsabilidades do Estado na crise

Noutros países onde o capitalismo também não tem querido ou não tem sabido solver a crise, os governos, no entanto, como sucede na Inglaterra, estabeleceram o subsídio oficial aos desempregados.

A tanto não vamos nós em Portugal. Nós não queremos a esmola do Estado. Queremos viver da produção e da laboração duma indústria que quais os viu nascer.

Sob este critério, ainda a Federação Corticeira na átria referida representação, defendia entre outros os pontos seguintes:

• Que o Governo consiga junto dos industriais promover a colocação dos seus trabalhos, garantindo-o de futuro, aos que ainda o não têm, e em caso negativo:

Que seja fornecida aos Sindicatos operários matéria prima, alojamentos, utensílios e os créditos indispensáveis para os operários trabalharem, sendo aqueles sindicatos responsáveis pelos respectivos compromissos.

Uma vez que se não consiga obter quaisquer destas conclusões, promover a colocação dos desempregados em quaisquer

trabalhos dependentes do Estado, onde modesta e dignamente possam auferir o indispensável, para se manterem, à semelhança do que já se tem feito em situações análogas."

#### As nossas responsabilidades

E o que tem feito o operariado da nossa indústria?

Pelo país fora, o operariado corticeiro quase não esboça nenhuma gesto de defesa contra a situação de miséria em que o lançaram. Algumas regiões, alguns operários, esquecendo lamentavelmente a innenarrável soma de sacrifícios expendidos — pessoais e colectivos — para a conquista das poucas regalias que usufruímos, prestam-se a trair essas regalias. O horário de trabalho não é respeitado.

Tal procedimento denota apenas ou uma absoluta ignorância das consequências ou uma absoluta cegueira provocada pela ânsia de ganhar o mais possível, sem se importar com os outros. Mas, vejam:

Quando o operário não aufer, dentro dum horário estabelecido, o salário correspondente às suas necessidades, e recorre a transgredir esse horário com a prática de horas suplementares, nega a si mesmo a capacidade de melhorar a situação e contribui para a crise de trabalho. Agarrando o trabalho rouba o pão aos lares dos seus camaradas e faz com que os desocupados andem, de porta em porta, a oferecer seus braços. Isto contribui para que o industrial, jogando com a oferta de braços, não só não melhore os salários como até os reduza e faça a escolha dos operários,

Para debelar uma crise ou para melhorar os salários, os operários, em vez de trabalharem horas a mais deveriam, senão reclamar menor horário, pelo menos respeitar integralmente o horário estabelecido.

Não esqueçamos neste momento que, em alguns outros países, os trabalhadores iriamos nosso estão pugnando pelo estabelecimento das 6 horas de trabalho.

Trafaria uma qualquer regalia conquistada à custa de canseiras e, muitas vezes, do sangue dos nossos irmãos, é, pois, um acto criminoso.

Se para o industrial ganancioso e empoderado vai o nosso protesto contra as suas prepotências, para o operário que trai as nossas regalias vai a nossa indignação, profunda e sentida.

Mas na crise há também culpa de alguns sindicatos. A escolha de fiscais tem sido má, pois não se tem primado em investir desses cargos as criaturas mais competentes, tanto sob o aspecto moral como sob o aspecto da competência técnica. Daí uma série de incorreções e de escapadelas que redundam em prejuízo da indústria e no agravamento da crise.

Os manipuladores de pão

em Coimbra

defendem com energia a sua conquista de desconto semanal

COIMBRA, 19.—A classe dos manipuladores de pão encontra-se bastante excitada, pelas pretensões de autoridade em querer cercar a esta laboriosa classe o desconto semanal.

Os manipuladores de pão conseguiram que o seu desconto recaia ao domingo, após uma porfiada e tenaz luta da classe. Hoje mesmo, se tém de facto o desconto admissível, é devido a um enorme esforço dispensado, pois têm que coser, de sábado para domingo, o pão suficiente para o consumo da cidade durante dois dias.

Esta situação manteve-se há já alguns anos a contento de todos, pois nem o industrial é prejudicado, porque os operários lhe apresentam o serviço de dois dias, nem o público, que tem a sua subsistência garantida.

Na entenda assim, porém, o governador civil, que parece estar disposto a modificar o regulamento do desconto semanal,

A direcção do sindicato convocou imediatamente a classe para uma sessão magna, ao mesmo tempo que publicava um pequeno, mas energético manifesto, incitando a classe a defesa das suas regalias.

Essa reunião efectuou-se na última segunda-feira, pelas 12 horas, com uma concorrência extraordinária, podendo dizer-se que nem um só operário de padaria faltou àquela sessão.

Estavam presentes, também, alguns operários de Alfarcos, que têm mais ou menos interesses ligados aos seus camaradas de Coimbra.

Falaram entre outros Manuel de Almeida, Mário Martins Moreira, Custódio Rosa e José do Cabo, tendo sido todos unâni-mes em aconselhar a classe a que se apreste para a defesa das suas regalias.

Foi apresentada uma proposta para que se nomeasse uma comissão que se avistasse com o governador civil.

Este proposta foi reprovada por maioria, pois a classe entende que nada tem que ver com aquela autoridade. O seu desconto é ao domingo e não há ninguém que a possa obrigar a trabalhar nesse dia.

Os trabalhos decorreram com a maior animação, tendo sido a sessão encerrada no meio de grande entusiasmo, ficando marcada outra sessão para a próxima segunda-feira, 23.

Antes de se encerrar a sessão foi aberta uma "quete" a favor de A Batalha, que rendeu 70 escudos.

#### Um acidente de trabalho...

No banco do hospital de São José, foi pensado e recolhido depois a casa, António Francisco, de 42 anos, natural de Pera do Moço, polícia cívico nº 1.298, o qual, quando perseguiu uns rapazes que, do Campo dos Mártires da Pátria, andavam fazendo campo de futebol, caiu, ficando ferido na mão direita e nos joelhos.

### A crise de trabalho no Algarve continua sem solução

A crise de trabalho no Algarve persiste sem que ninguém tome providências para debelá-la.

A questão da pesca tem contribuído imenso para aumentar a falta de trabalho. Sobre este assunto foi ontem entregue ao ministro da Marinha a seguinte representação:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a sua difícil situação, em face da grave crise de pesca que avassala assustadoramente a província do Algarve, resolveu vir perante V. Ex.º fazer as reclamações abaixo indicadas:

Ex.º Sr. Ministro da Marinha da República Portuguesa: — A classe marítima de Faro, reunida em sessão magna, para apreciar a